COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RODRIGUES, Danielle Tetü**;** FONSECA NETO, José Claro; VOLPI, José Henrique. **Diferentes olhares construindo um novo saber:** das dinâmicas interativas à formação do educador ambiental. Curitiba: Centro Reichiano, 2004. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: _____/_____/_____.

DIFERENTES OLHARES CONSTRUINDO UM NOVO SABER: DAS DINÂMICAS INTERATIVAS À FORMAÇÃO DO EDUCADOR AMBIENTAL

Danielle Tetü Rodrigues
José Claro da Fonseca Neto
José Henrique Volpi

Este ensaio apresenta-se como uma reflexão sobre diferentes saberes no campo da interdisciplinaridade, tendo como objeto de discussão central o educador ambiental. Parte-se do pressuposto que a prática da Educação Ambiental (EA) não está restrita a uma única ciência ou profissional, mas deve estar voltada a todos àqueles que se interessem pela questão. E foi a partir desse pressuposto, que nós, autores, vindos de distintas áreas do saber como a Psicologia, Direito e Biologia, nos reunimos para também oferecer a nossa contribuição.

Buscando o respaldo na legislação de que a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família, o art. 205 da Constituição Federal de 1988 informa que a educação "será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho". Acrescenta o inciso VI[1] ao parágrafo 1º do art. 225, o qual impõe ao Poder Público e a toda a coletividade a promoção imprescindível da EA nos diversos níveis de ensino, aliada a conscientização da sociedade sobre a necessária preservação ambiental. Esse dispositivo foi devidamente regulamentado pela Lei nº 9.795, de 27.04.1999, a qual trata da EA e institui a Política Nacional de Educação Ambiental, muito embora essa lei seja pouco clara, de difícil compreensão e juridicamente confusa.

Pacífico é o entendimento que a educação é uma forma de transformação social e não apenas um instrumento de defesa ambiental e da cidadania. Entretanto, de fato, a consciência ecológica está conectada à conservação do ambiente e com isso, é possível compreender a EA como sendo um processo de construção de valores sociais, de conhecimentos e atitudes voltadas para a conservação do ambiente, por todos os indivíduos e pela coletividade.

Quando a Carta Magna fala em EA a abranger todos os níveis de educação, mister se faz compreender a educação informal, não formal e formal. Isso porque o processo de educação não se confunde com escolaridade. Em outras palavras, a EA consiste na

educação de jovens e adultos em geral, a abranger a educação básica que inclui a educação infantil, ensinos fundamental e médio, a educação superior, profissional e especial.

Ademais, a fim de atender corretamente os princípios e objetivos da Política Nacional de Educação Ambiental e observar o cumprimento das exigências contidas na Lei 9.795/99, é preciso considerar que a EA deve abranger também, o currículo do professor, de modo a adequar sua formação em sua área de atuação à finalidade da proteção e conservação do ambiente e a melhoria das condições de vida no planeta.

Ora, a mudança da realidade social requer a valorização pelo professor, do conhecimento do aluno, ao qual se deve enfocar o ensino. O educador desempenha o fundamental papel na transformação dos conhecimentos, pois tem de estar comprometido com a conquista da cidadania de todos. O educador ambiental deve levar em conta a diversidade de olhares sobre o mundo.

É por meio do diálogo que ocorre a interação entre docente e educando, a fim de alcançar a construção do conhecimento. O professor deve, antes de tudo, lembrar a importância da construção do conhecimento pelo aluno e assim, utilizar-se de todos os meios lícitos que o possibilitem instigar a curiosidade do educando até que este chegue à formulação do conhecimento. Não basta transferir o conhecimento, mas sim, criar possibilidades para a sua construção pelo educando. O detalhe a ser posto em evidência, importa na concepção de que o entendimento não pode ser transferido, mas sim absorvido (FREIRE, 2003).

Com efeito, cumprindo sua obrigação de docente, o professor deve despertar a curiosidade no aluno de modo que consiga produzir uma compreensão sobre aquilo que está comunicando. Para a produção do conhecimento, o aluno precisa aprender, em primeiro momento, a distanciar-se do objeto analisado para que possa exercer sua curiosidade respaldada em emoções, sensações, imaginação e intuição e, em seguida, demonstrá-la por uma capacidade crítica de observação, análise, delimitação, comparação, enfim, de uma aproximação metódica do objeto. Por outro lado, requer-se a participação do educando no ato de pensar certo por meio de práticas com atitudes certas, a fim de que sua reflexão crítica seja desenvolvida ou aprimorada possibilitando-o reconhecer-se como ser pensante, comunicante e transformador.

Vale transcrever os ensinamentos de Paulo Freire:

RODRIGUES, Danielle Tetü**;** FONSECA NETO, José Claro; VOLPI, José Henrique. **Diferentes olhares construindo um novo saber:** das dinâmicas interativas à formação do educador ambiental. Curitiba: Centro Reichiano, 2004. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: _____/_____/_____.

> [...] ensinar não é transferir conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor. Ensinar e aprender têm que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar. [...] ensinar não é transferir a inteligência do objeto ao educando mas instigá-lo no sentido de que, como sujeito cognoscente, se torne capaz de inteligir e comunicar o inteligido. [2]

Em face disso, o respeito à dignidade e à autonomia proporcionada ao educando é tão importante quanto os valores assumidos e transmitidos pelo educador, o qual deve atuar conforme os ensinamentos que pretende transmitir para que venham a ser incorporados pelo aluno. Em outras palavras, mister se faz a presença de uma coerência entre o que é ensinado e o que é vivenciado pelo educador. Não é desarrazoada a assertiva de que o aluno vê no professor o modelo, o exemplo e, às vezes, erroneamente, toma suas palavras como o reflexo da mais pura verdade, incontestável, cuja validade atrela-se ao seu interlocutor. Forçoso reconhecer, deste modo, que o professor há de inspirar seus alunos, de conduzi-los à reflexão crítica, inclusive sobre suas verdades, infirmando-se, assim, como o exemplo, senão de conhecimento, pelo menos de humildade.

Nesse interjogo de ensino, julgamos de suma importância considerar o caráter do educador, que deve ser no mínimo, emocionalmente equilibrado, que seja capaz de aplicar uma política educativa não repressora, mas que vise a criatividade e espontaneidade, sem projetar no educando suas frustrações e neuroses pessoais (REICH, 1973).

Portanto, faz-se necessária a construção de uma racionalidade ambiental, por meio de etapas sucessivas de desconstrução da racionalidade capitalista e a construção de uma nova racionalidade social, sem olvidar a importância do diálogo das ciências, através de seus respectivos interlocutores, hábeis a mesclar os conhecimentos acadêmicos com saberes populares.

Leff (2001) sustenta a tese de que a nova racionalidade social, tida como racionalidade ambiental precisa ser construída sob uma nova ética entre a existência

humana e a transformação social voltada a uma reorientação do progresso científico e tecnológico.

Um novo saber científico e tecnológico deve surgir em virtude da crise planetária e civilizatória, exigindo a construção do conhecimento por meio da EA, onde práticas produtivas e atividades políticas intervenham na *práxis* educativa das relações entre o homem, a sociedade e a natureza.

Os problemas sócio-ambientais, econômicos e culturais emergentes na sociedade contemporânea, especialmente no Brasil, acentuam-se com o aumento e concentração da população nas áreas urbanas sem infra-estrutura adequada, bem como, a diversidade de setores econômicos e tecnológicos sendo implantados ao mesmo tempo.

Um novo comportamento ambiental vem sendo exigido para buscar alternativas e soluções viáveis para solucionar problemas que comprometem a qualidade de vida da população em geral. Desta forma requer-se a implantação da EA como fator primordial para o desenvolvimento de uma política ambientalmente saudável e socialmente sustentável. Assim sendo, o homem precisa mais do que tomar consciência, modificar seu comportamento, para descobrir que não faz parte da natureza, mas é ele a própria natureza. Portanto, jamais deveria destruí-la.

Reich (1975) buscou compreender o modo como o homem está enraizado na natureza e sua relação com a mesma. Essa forma de pensar fez com que ele se tornasse um sério crítico do pensamento cartesiano e postulasse uma forma de pensar que fosse funcional, onde homem, com seu comportamento, inteligência e emoção, fosse considerado parte da natureza e, portanto, não poderia ser estudado fora dela, da mesma forma que a natureza não deveria ser pensada sem a presença do homem. Um, interfere no movimento energético do outro. Nas palavras de Reich (1975, p. 23), “o homem é uma parte da natureza e brotou a partir de funções naturais. (...) com suas emoções, evoluiu a partir da natureza como um dos produtos de seu desenvolvimento”.

A formação de educadores e formadores de opinião através da EA, facilita a construção do conhecimento e saber ambiental, levando a todos os setores informações, tecnologias e práticas sustentáveis que possam agir de forma interdisciplinar e integrada entre todos os setores e atores da sociedade. Isso porque a EA contempla a dimensão ambiental, mas também estimula a construção de uma nova ética e comprometimento do cidadão com seu espaço de vida.

RODRIGUES, Danielle Tetü**;** FONSECA NETO, José Claro; VOLPI, José Henrique. **Diferentes olhares construindo um novo saber:** das dinâmicas interativas à formação do educador ambiental. Curitiba: Centro Reichiano, 2004. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: _____/_____/_____.

Segundo a ONG WWF-Brasil (2003), embora haja interesse pela EA, poucos são os recursos disponíveis para o desenvolvimento e continuação de programas tidos como eficazes voltados para essa área, especialmente no setor não-formal. Há uma grande dificuldade em encontrar pessoas habilitadas para o gerenciamento e manejo de unidades de conservação pela falta de incentivos público e privado, bem como cooperação da sociedade em geral. Os parcos recursos existentes são destinados em sua maioria à fiscalização, ainda que precária, e não à educação da população, realidade essa que precisa ser urgentemente modificada.

Diversas formas de articulação do conhecimento e da vida social emergem a partir da prática renovadora da EA. Dessa forma, tem-se que a escola, em todos os seus níveis, poderia ser tomada como o espaço de resgate de valores como o compartilhamento, a cooperação, o respeito à vida e vários outros, que sirvam de base para a construção de um presente e um futuro dignos para a sociedade, o que só será possível de alcançar se a EA deixar de ser um apêndice, e tornar-se uma prática cotidiana no sistema de ensino (REBEA, 2003).

Layrargues (2002) procura aproximar a Sociologia ao estudo e compreensão da EA evidenciando dessa forma a necessidade do preenchimento da lacuna científica pelos saberes de ambas as áreas. Assim sendo, a EA passa a ser discutida com ênfase no âmbito da sociologia ambiental, tomando-a como um objeto de estudo sociológico que se julga capaz de fornecer um diagnóstico preciso e consistente sobre a compreensão do que hoje se tem por EA, indicando rumos nítidos e coerentes para a função social que se deseja dar à prática pedagógica. Portanto, abstrai-se da idéia de Layrargues (2002) dois motivos de investigação em campo da Sociologia ambiental, quais sejam: a avaliação da relação entre a EA e a mudança ambiental, e a avaliação da relação entre a EA e as mudanças sociais. Ainda esclarece que a meta da EA é contribuir para a mudança ambiental, sem deixar de ser Educação, sendo ainda objeto de disputas ideológicas que visam manter ou alterar as condições sociais.

A EA é vista por Leff (1999, p. 128) como ferramenta teórico-metodológica de uma nova racionalidade, centrada numa perspectiva de sustentabilidade, pois “a educação ambiental adquire um sentido estratégico na condução do processo de transição para uma sociedade sustentável”.

RODRIGUES, Danielle Tetü**;** FONSECA NETO, José Claro; VOLPI, José Henrique. **Diferentes olhares construindo um novo saber:** das dinâmicas interativas à formação do educador ambiental. Curitiba: Centro Reichiano, 2004. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: _____/_____/_____.

É consenso entre os atores sociais que as diversas ciências não se comunicam, não interagem e permanecem isoladas em seus clãs. Umas não sabem das práticas das outras de forma que nem imaginam o quanto podem trocar e se complementarem. Ressalva-se a efetivação do diálogo interdisciplinar que possibilite a realização de pesquisas e práticas voltadas à EA.

Conclui-se desta forma que se não tivermos uma postura e uma consciência ambiental, reparando os danos causados ao ambiente e evitando novos desastres ecológicos, a continuidade e a qualidade de vida estará comprometida. Este sim seria o maior erro que a humanidade poderia cometer contra ela própria. Somos todos responsáveis pela situação atual do ambiente e por oportunizar uma transformação de conduta. Sendo assim, a EA é um valioso instrumento capaz de permitir a transcendência do ser humano.

Exatamente por não possuir um "profissional interdisciplinar", é que todas as áreas podem, e devem, contribuir para a temática ambiental pois, a riqueza da interdisciplinaridade está na troca de conhecimentos.

==========

Notas

1[1] Art. 225, 1º, VI, CF/88: "promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente".

1[2] Idem, p.118-119.

==========

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 27ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

LAYRARGUES, P. P. Muito prazer, sou a educação ambiental, seu novo objeto de estudo sociológico. **Anais do I Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em ambiente e sociedade.** Indaiatuba-SP, 2002.

LEFF, E. Educação ambiental e desenvolvimento sustentável. In: REIGOTA, M. (Org.) **Verde Cotidiano, o meio ambiente em discussão.** Rio de Janeiro: DP & A, 1999.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental.** São Paulo: Cortez, 2001.

REBEA - Rede Brasileira de Educação Ambiental. **Brasil Sustentável só com Educação Ambiental.** Disponível em: http://www.rebea.org.br/ventrevistas.php?cod=167. Acesso: 11/09/2003.

COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RODRIGUES, Danielle Tetü**;** FONSECA NETO, José Claro; VOLPI, José Henrique. **Diferentes olhares construindo um novo saber:** das dinâmicas interativas à formação do educador ambiental. Curitiba: Centro Reichiano, 2004. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: _____/_____/_____.

REICH, W. Los padres como educadores: la compulsión a educar e sus causas. In REICH, W. & SHMIDT, V. **Psicoanalisis y educacion.** Barcelona: Anagrama, 1973, vol. 2, pp. 73-94.

REICH, W. **Superimposizione cosmica.** Milano: SugarCo, 1975.

WWF - Brasil. **Educação Ambiental em Projeto de Campo.** http://www.ecosolidariedade.com.br/por/descr_projeto.asp?projID=9. Acesso: 11/09/2003

==========

Danielle Tetü Rodrigues Graduada em Direito, Especialista em Direito Civil Contemporâneo pelo IBEJ, Mestre em Direito Sócio-Ambiental pela PUCPR e Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela UFPR. Professora da PUC/PR e da Faculdade de Direito de Curitiba.
E-mail: danielletr@uol.com.br

José Claro da Fonseca Neto Graduado em Biologia. Mestre em Ecologia, Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná.
E-mail: claro@ufpr.br

José Henrique Volpi - Psicólogo, Psicodramatista, e Analista Reichiano. Mestre em Psicologia da Saúde (UMESP) e Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR). Diretor do Centro Reichiano, Curitiba/PR.
E-mail: volpi@centroreichiano.com.br

==========